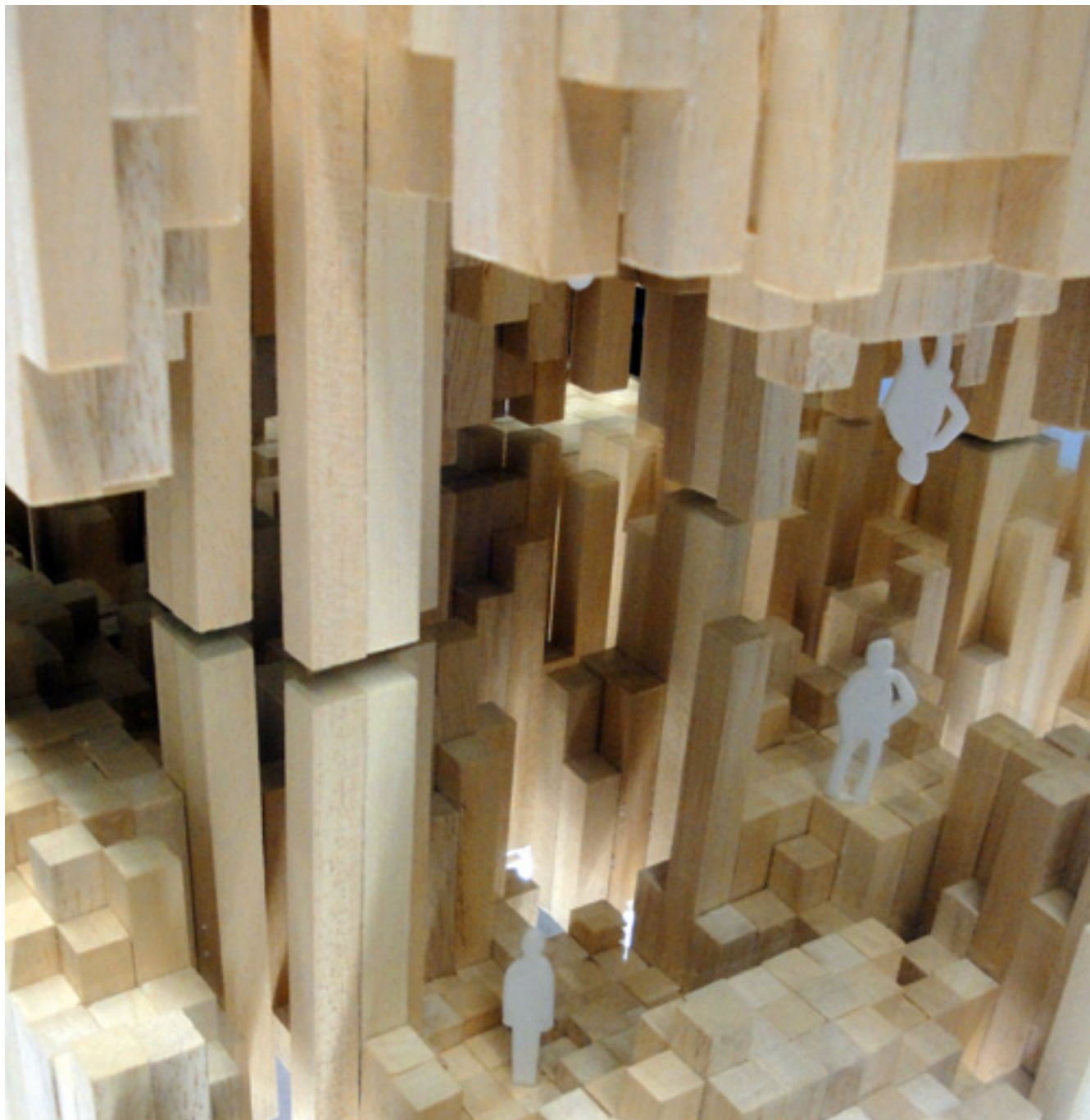




A Mancha



“- Você avança com a cabeça voltada para trás? – ou então: - O que você vê está sempre às suas costas? – ou melhor: - A sua viagem só se dá no passado?”

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava está diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.

Marco entra numa cidade; vê alguém numa praça que vive uma vida ou um instante que poderiam ser seus; ele podia estar no lugar daquele homem se tivesse parado no tempo tanto tempo atrás, ou então se tanto tempo atrás numa encruzilhada tivesse tomado uma estrada em vez de outra e depois de uma longa viagem se encontrasse no lugar daquele homem e naquela praça. Agora, desse passado real ou hipotético, ele está excluído; não pode parar; deve prosseguir até uma outra cidade em outro passado aguarda por ele, ou algo que talvez fosse um possível futuro e que agora é o presente de outra pessoa. Os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos.

- Você viaja para reviver o seu passado? – era, a esta altura, a pergunta do Khan, que também poderia ser formulada da seguinte maneira: - Você viaja para reencontrar o seu futuro? E a resposta de Marco:

- Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e que não terá.”

(à esq.) *O Reflexo*, fotografia da maquete final (foto do grupo).

(à dir.) Excerto do livro de Italo Calvino, *Cidades Invisíveis* (p.14-15).



Marca, Texto e Espaço

Como exercício de arranque e aquecimento do ano lectivo, foi dada a tarefa de desenvolver um projecto de carácter abstracto sobre o título: *marca, texto e espaço*.

A nível metodológico para este trabalho, realizado por um grupo de cinco alunos, foi pedido que fosse seleccionado um ou mais objectos de uso comum, com característica acessível e inesperada. Após selecção do(s) objecto(s), o mesmo deveria ser embebido (total ou parcialmente) em tinta da china para que pudesse funcionar como carimbo e assim produzir uma *marca* em papel cavalinho. Em seguida, foi pedido ao grupo que seleccionasse um excerto literário, de escolha livre, que auxiliasse a converter a *marca* numa unidade espacial. Como último momento deste exercício, foi pedida a materialização da *marca* em forma de uma maquete, cujo objectivo é fixar a espacialidade invocada pela *marca* e excerto seleccionados. A maquete tem de ser criada através de uma gramática de forma.

O objecto seleccionado pelo grupo foi um pente. Sobre o pente foi aplicada a tinta da china em várias áreas e manchado o papel de vários modos e posições. Este processo foi repetido várias vezes para produzir um número de amostras confortável à escolha de uma marca que o grupo considerasse *a mais estimulante*. A *marca* escolhida foi considerada por apresentar um resultado que não se distânciava excessivamente da forma inicial do pente, e por apresentar uma dinâmica formal e cromática em todo o conjunto.

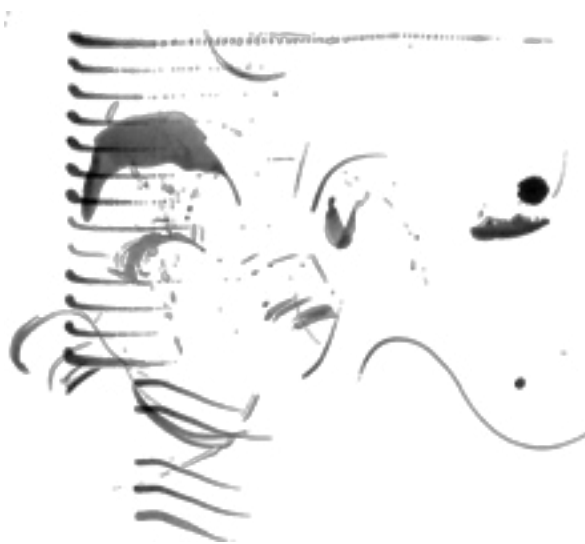
O texto escolhido é da autoria de Italo Calvino, e pertence à obra *Cidades Invisíveis*. Este texto quer representar o processo de transformação que a *marca* sofreu desde a sua origem como um objecto do quotidiano até ao espaço inventado pela maquete.

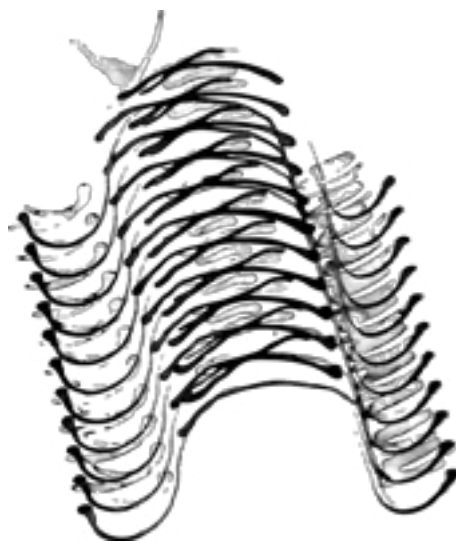
(à esq.) *A Mancha*, *marca* seleccionada pelo grupo de trabalho.



(em cima) *O Pente*, objecto seleccionado pelo grupo de trabalho (foto da autora).

(em baixo) Primeiras experiências com o pente e tinta da china.





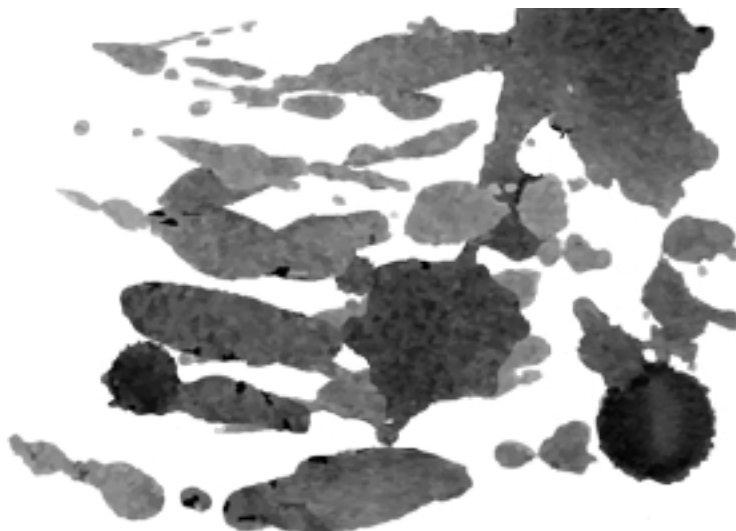
(em cima) Experiência com técnica de estampagem e deslizamento.

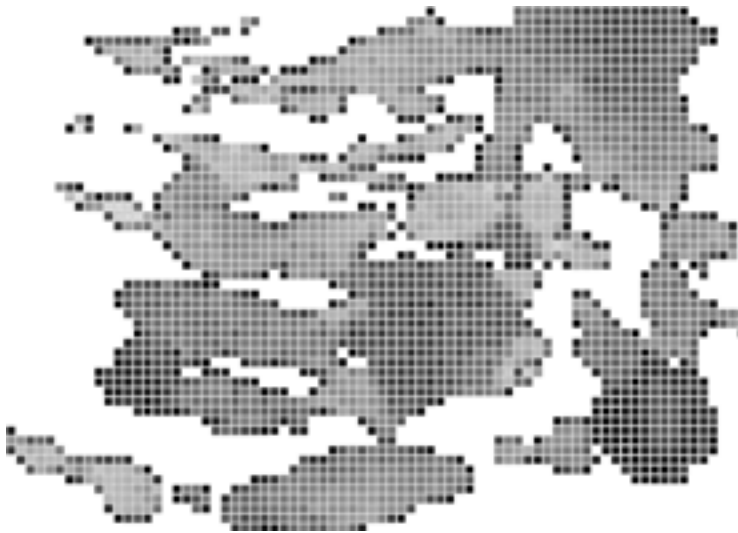
(em baixo) Experiência cromática com técnica do deslizamento.



(em cima) A *marca* seleccionada e com os contornos delineados.

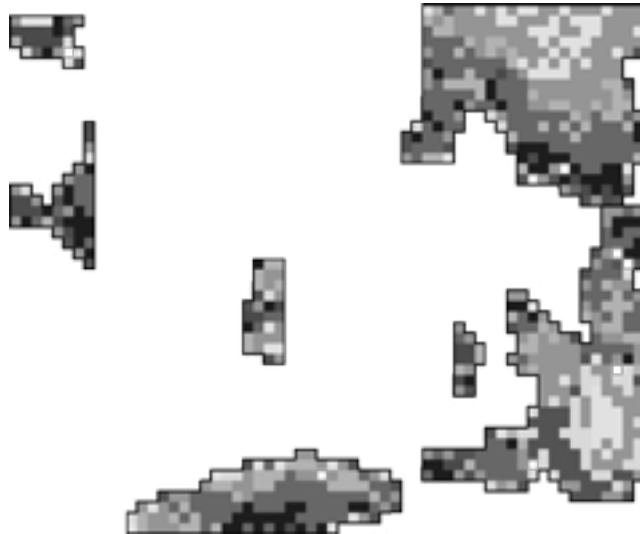
(em baixo) Resultado da secção da forma em duas partes, inversão horizontal da secção superior e sobreposição de ambas (efeito de “dobra ao meio”).





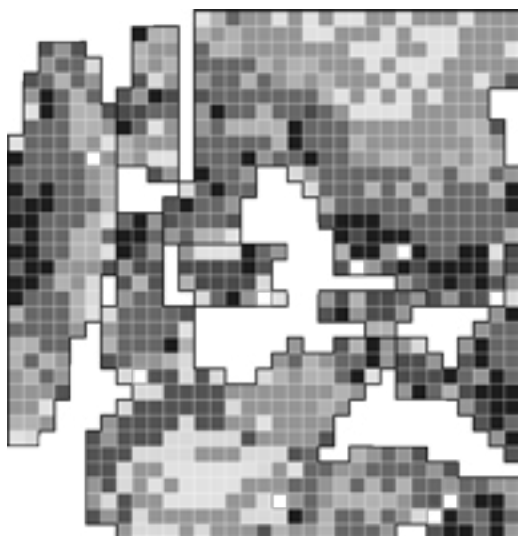
(em cima) Pixelização da imagem criada

(em baixo) Regularização dos limites da
imagem pixelizada.



(em cima) Identificação de área com maior presença de diferenças cromáticas.

(em baixo) Áreas seleccionadas.



(em cima) Organização das áreas seleccionadas.

(em baixo) Imagem final, onde a cada tom cromático é atribuído um valor de altura (transição para a materialidade).

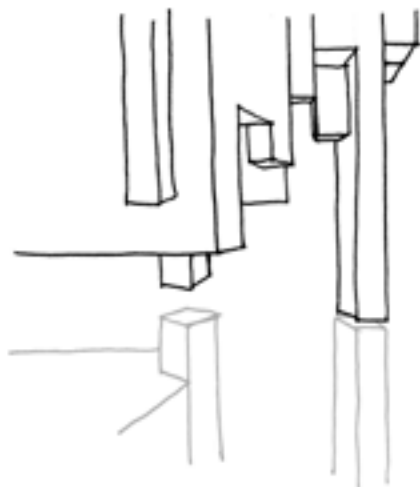




(à esq.) *Ariadne Learns how to Build Dreams*,
Inception de Christopher Nolan (2010).

(em cima e em baixo) *Metropol Parasol* de
Jürgen Mayer-Hermann, Sevilha (2011).



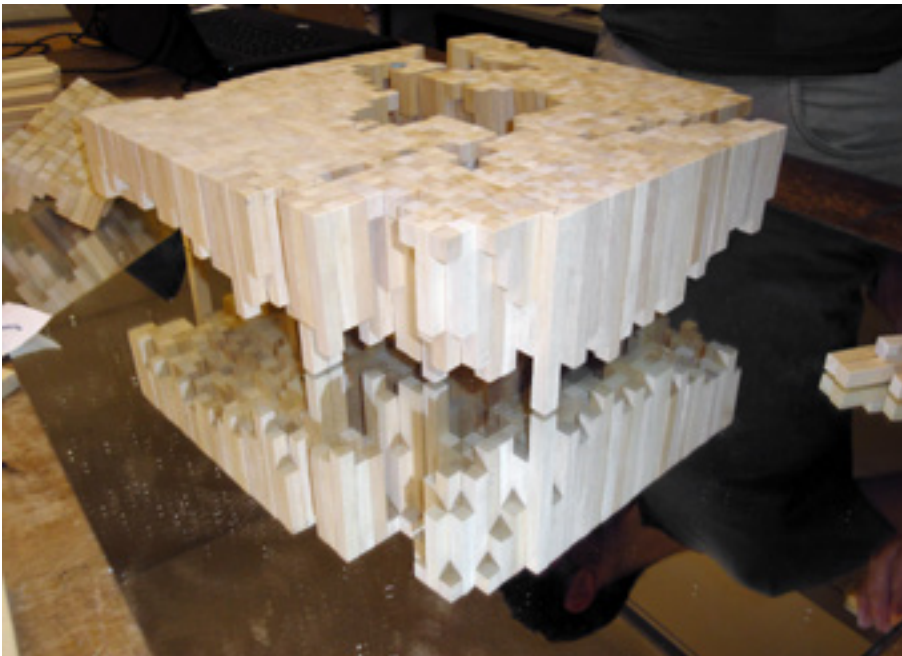
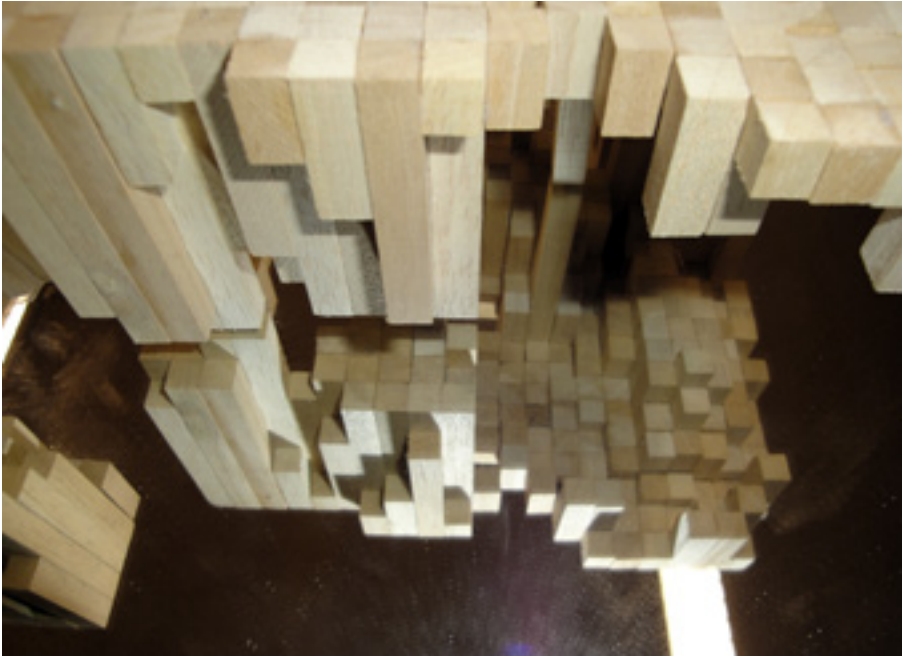


(à esq.) *Um Reflexo*, fotografia do momento de montagem da maquete (foto do grupo).

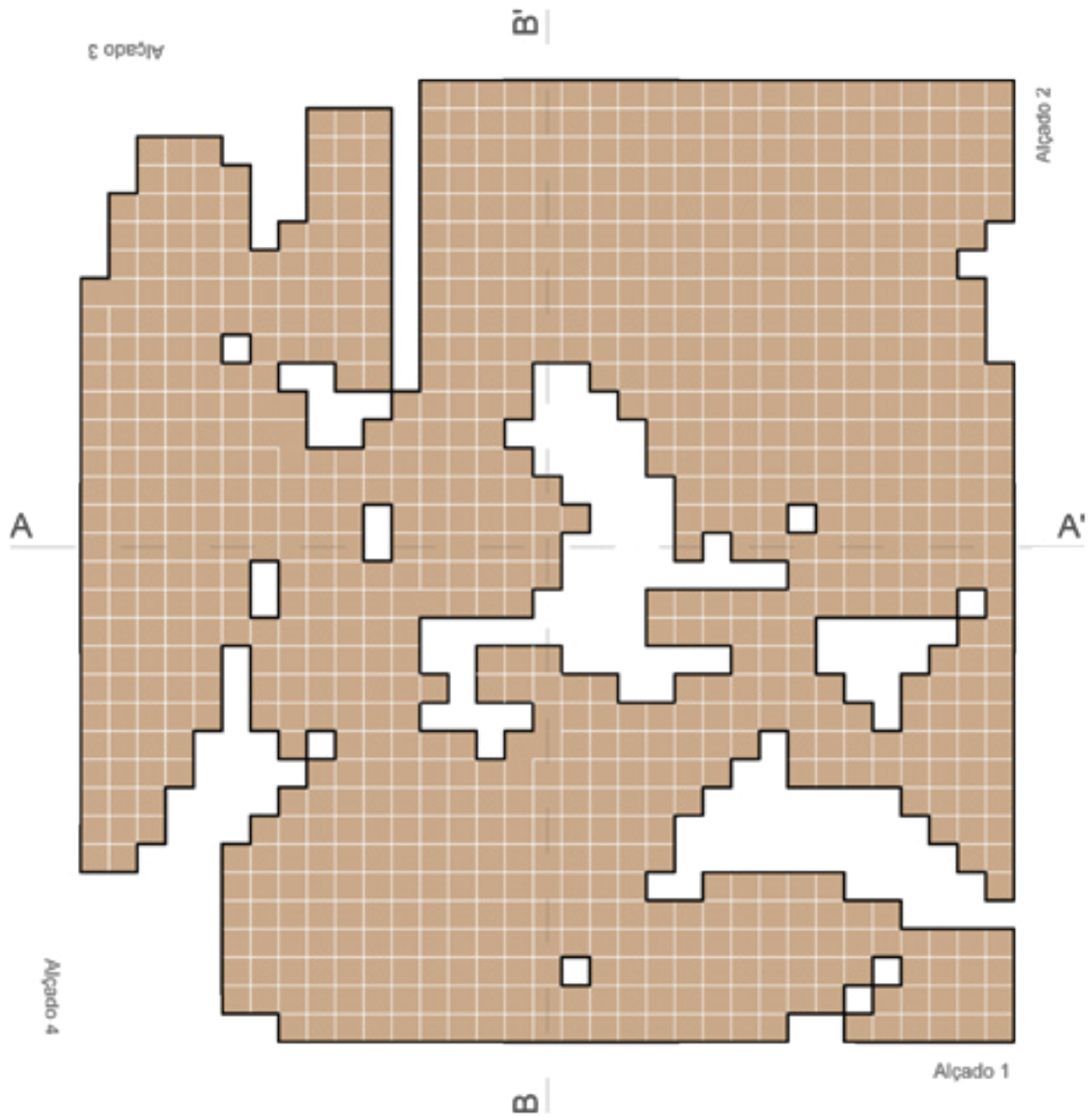
(em cima e em baixo) Dois esboços que representam a leveza como o volume toca no *outro* reflectido.

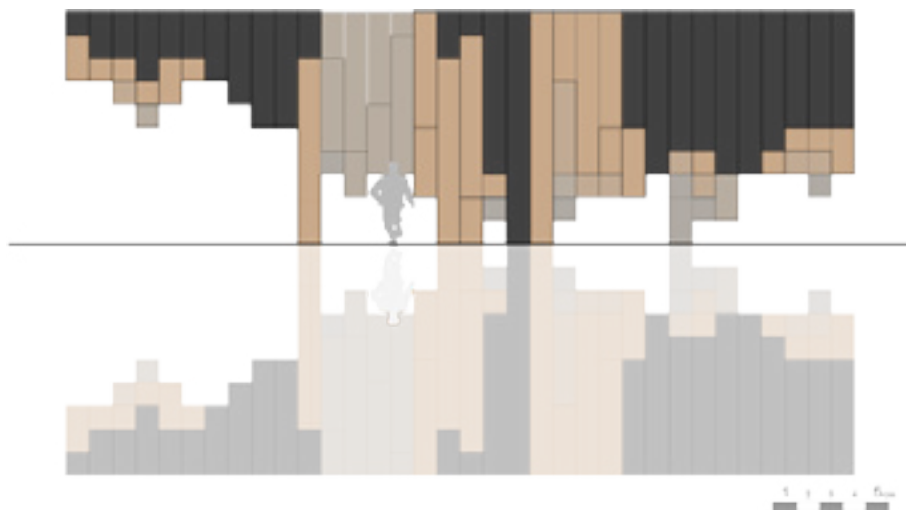
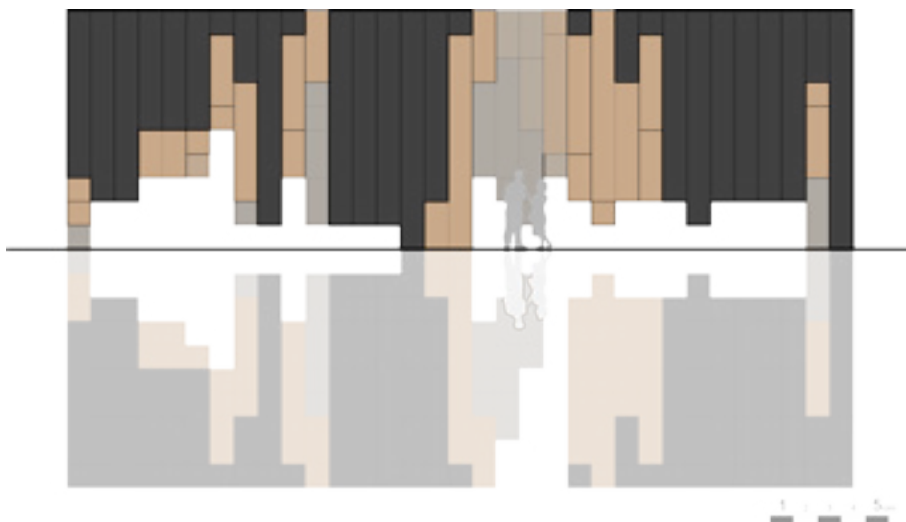


(em cima e em baixo) Fotografias da do trabalho de criação da maquete (fotografias do grupo).



à esq, em cima e em baixo) Fotografias da maquete (fotos do grupo).



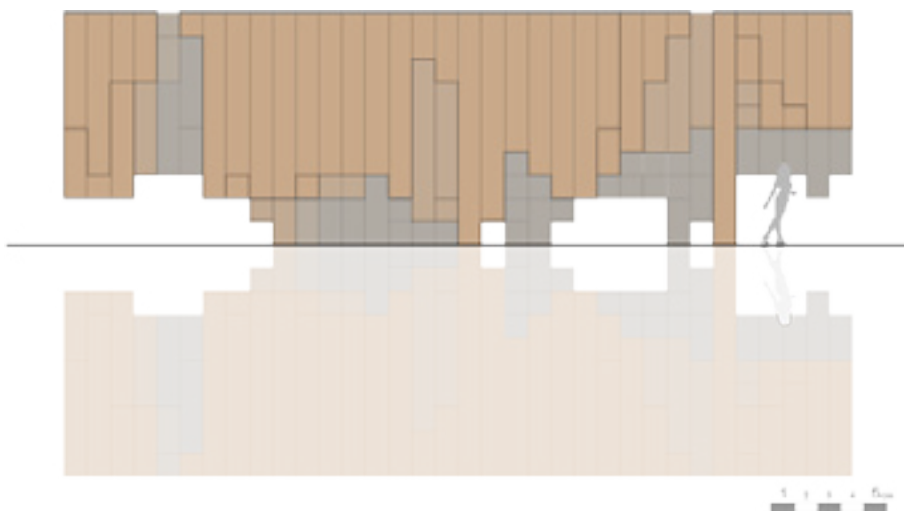
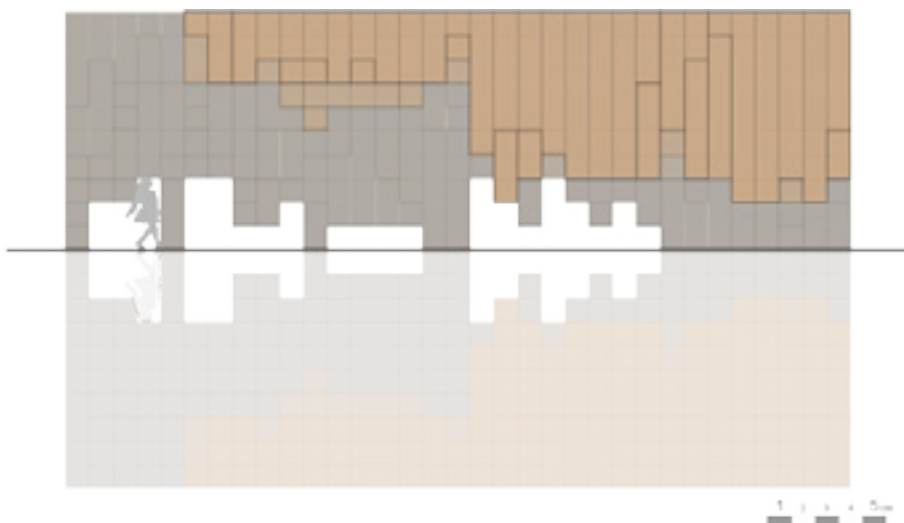


(à esq.) Planta

(em cima) Corte A-A'

(em baixo) Corte B-B'

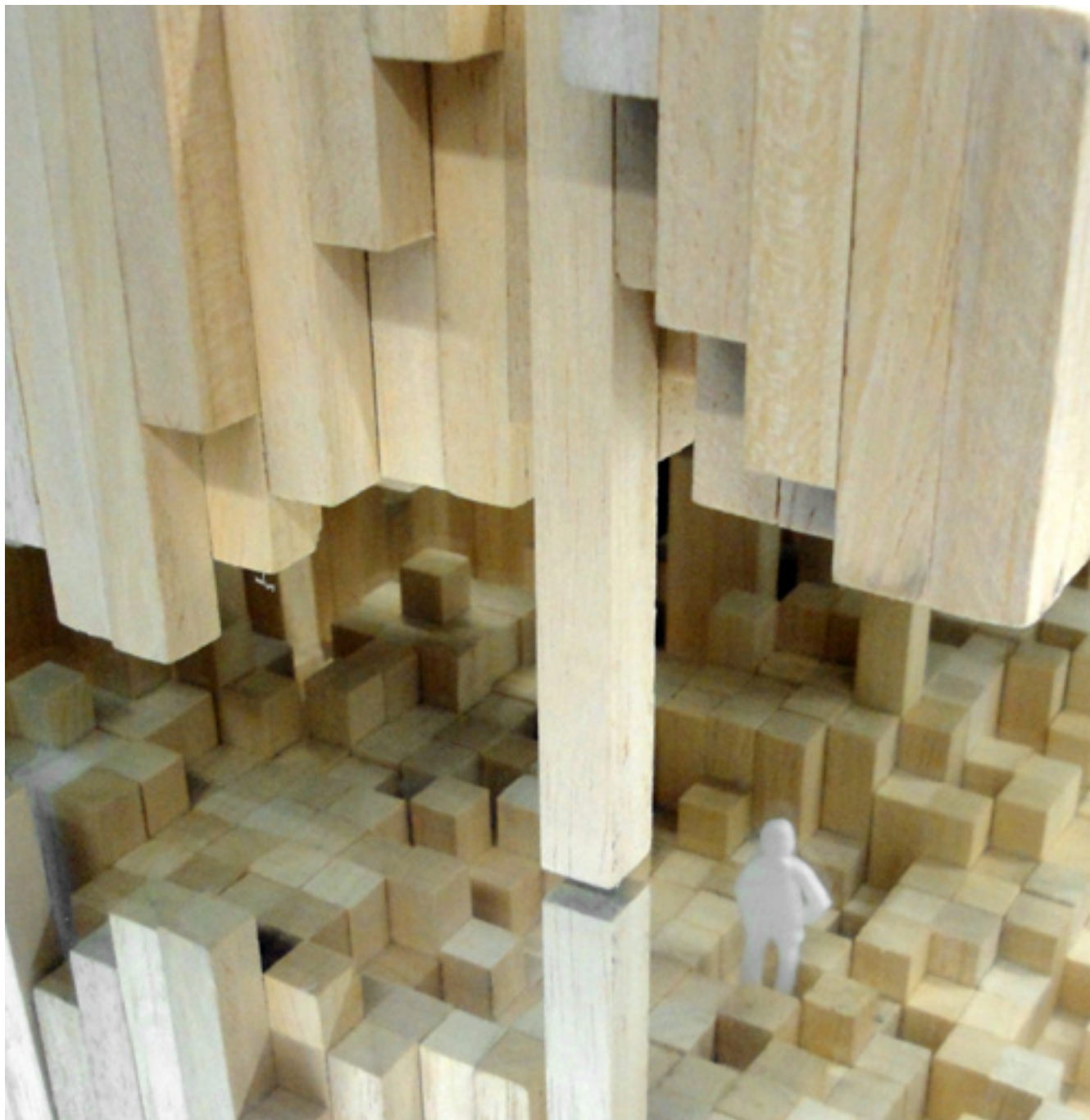


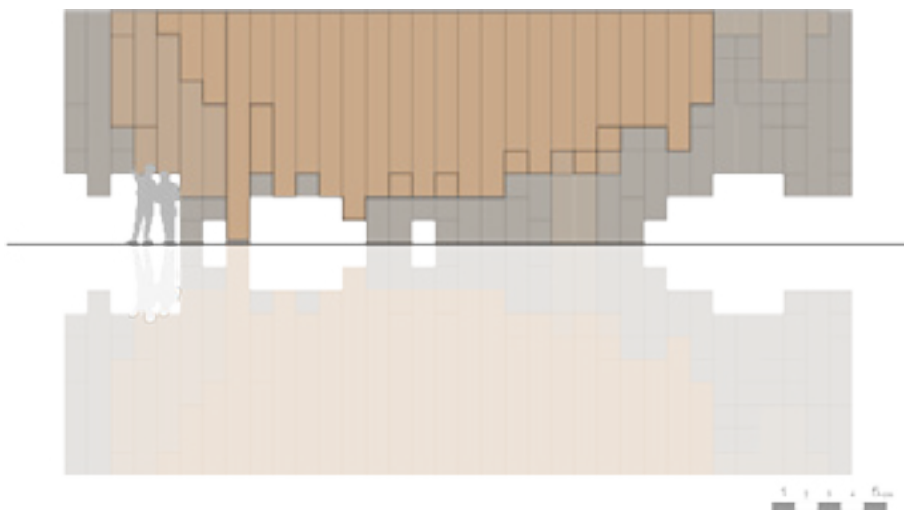
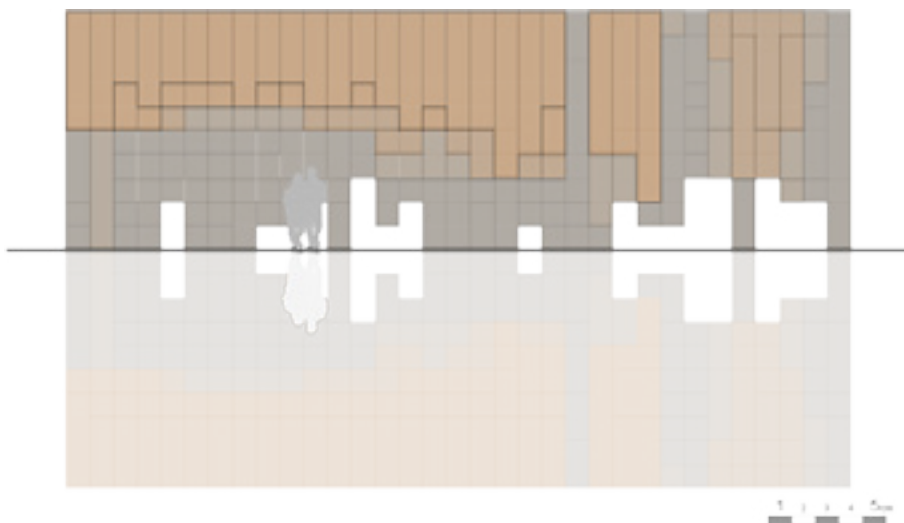


(à esq.) *Ambientes*, fotografias sobre os reflexos pretendidos (foto do grupo.

(em cima) Alçado 1.

(em baixo) Alçado 2.





(à esq.) *Ambientes*, fotografias sobre os reflexos pretendidos (foto do grupo.

(em cima) Alçado 3.

(em baixo) Alçado 4.